

SÉ DE TARRAGONA.

TARRAGONA é a capital do districto, ou provincia, do mesmo nome, e que é limitado ao norte pela Catalunha, ao sul pelo antigo reino de Valencia, ao occidente pelo Aragão. Esta cidade jaz na costa do Mediterraneo, no declive de um monte; é das mais antigas d' Hespanha, e supõem-na edificada pelos phenicios; gozou de tamanha consideração no dominio romano que foi cabeça da *Hispania Citerior* ou *Tarraconensis*, que abrangia a Catalunha, o Aragão, a Navarra, Biscaia, Asturias, Galiza, parte do que foi reino de Leão, e as ilhas Baleares. Por não carregarmos de erudição historica este breve artigo diremos que em tempos successivamente posteriores seguiu os destinos geraes da nossa peninsula.

A sua cathedral é das principaes igrejas do reino visinho, e teve começo governando a diocese St.º Olegario, em 1120. O corpo do templo é vasto e magestoso, de architectura que póde chamar-se gothica pelo rasgado e esbelto das proporções, romana pela solidez e nobreza, e arabe pelos caprichosos capiteis. A nave do meio tem até ao presbiterio 389 palmos catalães, 78 de presbiterio, e 61 de largura, sendo algum tanto menores as duas collateraes, que estão cheias de capellas; d'altura até o interior do lanternim ha 137 palmos.— O frontespicio d'estylo gothico é composto de muitos arcos mettidos uns dentro dos outros, com um gran-

de oculo superior, que recebendo a luz da parte meridional, para onde deita, a eommunica á nave principal, havendo outros dois oculos menores sobre as portas lateraes: nos lados da principal e nos estribos dos arcos erguem-se duas pyramides ou obeliscos, e entre os envasamentos destes e os arcos vêem-se collocadas 22 estatuas de pedra: os baixos-relevos tambem são bellos. O côro a meio da igreja, como em todas as cathedraes d' Hespanha, foi construido em 1485; nota-se mais o orgão, o retabulo do altar-mór, e os tumulos de D. João de Aragão, e de tres arcebispos que são de muito gosto e sumptuosidade. A capella magnifica do Sacramento é toda de marmores, e mui rica d'esculturas: todas as mais, quer por antiguidade quer por construcção, merecem exame, sobresahindo a de St.º Thecla, obra do meado do passado seculo. Attrahe igualmente a attenção a excellente hancia romana, convertida em baptisterio, e que foi achada nas ruinas do palacio dos imperadores: é bellissima obra de 14 palmos por 8, e com 7 de fundo, sustentada sobre globos e leões. Ninguem deixa de visitar o claustro, de gosto arabigo e fantasiioso.— Sem numerarmos outras curiosidades do recinto deste templo, diremos que em suas paredes ha varias pedras extrahidas de outro gentilico, consagrado a Augusto, e adornadas com inscripções e formosos baixos-relevos.

2.ª SERIE. — VOL. II.

MANUEL DE SOUSA DE SEPULVEDA.

II.

O mar.

*O'er the glad waters, of the dark-blue sea,
Our thoughts as boundless, and our souls as free.*
BYRON.

*Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pôs em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memoria;
Mas contigo se acabe o nome, e a gloria!*
Lus., Cant. 4.º, Est. 102.

O MAR é um drama bem fecundo! Que symbolo da vida que passamos sobre a terra haverá ahí mais fiel? O movimento dos successos vemos retratado nas ondas: o emblema da sorte e a sua inconstancia na variedade com que fluctuam: o imperio irresistivel das circumstancias no violento embate das vagas: e n'um fragil baixel mareado pela esperanza voga para o porto desconhecido da eternidade o homem, viajante de um dia! Imagem do infinito, neste mundo que habitamos, não a conheço eu mais bem imitada. Quiz a Divindade manifestar-se aos nossos olhos, e revelar-se á nossa alma nesta grande obra do seu poder!

De quantos tem navegado, qual é aquelle que n'um dia de bonança, com um céu sereno e puro, ao espriar a vista pela vastidão das aguas, não sentiu o coração dilatar-se-lhe e sorrir-se-lhe de gozo? É que o homem que nas villas e cidades vê limites e barreiras para qualquer parte que se volte — a sua vontade limitada por leis muitas vezes absurdas, por magistrados, por sem numero de agentes do governo, por bayonetas de soldados, e por ferro de tyrannos; as suas acções, a sua voz, e á sua lingua embargadas por erros do vulgo, e por convenções, muitas vezes insensatas, da sociedade; os seus proprios passos limitados por estreiteza de ruas; os seus proprios olhos limitados por edificios que lhe roubam o horisonte — quando, no alto mar, solto de todas estas prisões, sobre o convez de um navio contempla a immensidade por todos os lados — respirando! — levanta um grito mais sublime do que Christovão Colombo ao vislumbrar a terra que procurava, e exclama do fundo do seu coração onde a tem impressa — *liberdade, liberdade!* — Para ella aspira desde o berço até o tumulo, para esse mundo tão appetecido navega incessantemente, e acabrunhado dos ultrajes que lhe vê soffrer, desgostoso dos sofismas com que a cavillam, da hypocrisia com que a desfiguram, se alguma hora chega a encontrar o seu semblante venerando, sauda-a inclinando-se de respeito, abraça-a transportado de enthusiasmo. A ella saudava aquelle espirito nobre, tão tristemente avaliado como mal comprehendido pelos seus contemporaneos, Fernando de Magalhães, quando passados tantos revezes que por seu mal não foram os ultimos, ao avistar o Oceano Pacifico, de joelhos rendia graças á Providencia, e tirava de um rei a vingança estrondosa e memoravel sobre quantas nos recorda a nossa e alheia historia!

A liberdade nasceu sobre o mar, sobre as frotas de Tyro e Carthago, sobre os galeões de Veneza, sobre os pantanos da Hollanda, sobre as praias de Inglaterra, sobre as margens do Mississippi, sobre as aguas do Amazonas: e se de lá a não transportamos para as nossas instituições politicas nós, senhores do oceano mais de um seculo, de lá trouxemos, e foi lá que conquistamos, a independencia, sem a qual é um vão nome o nome de patria, e a liberdade uma promessa de alcivosia.

Nasceu sobre o mar a liberdade, e a riqueza tambem — não a formosura, como fabularam os antigos — mas no mesmo berço, ao lado de ambas, nasceram igualmente as tempestades. Se fôra possivel erguer dois medões mortuarios, um das carcassas dos navios naufragados e das riquezas que com elles se affundiram — o outro de ossos humanos dos que as ondas sepultaram; e no cume desses medões se juntassem, parcella a parcella, somados os gemidos dos moribundos, a dôr das familias consternadas, as lagrimas da viuvez e da orphanidade, os suspiros da amizade ferida nos seus laços mais estreitos, os soluços do amor assassinado em suas sympathias mais dôces e mais profundas — um brado de indignação se alçaria unanime contra a arte nautica e seus inventores, e ninguem talvez se abalançara aos riscos desta loteria de bens e males que offerece o navegar!

13 de abril de 1552 — 24 de junho.

III.

O naufragio.

*..... os ventos que lutavam
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o céu dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.*
Lus., Cant. 6.º, Est. 84.

Partido de Cochim, seguia viagem prospera o galeão S. João, e a treze de abril se achava nordeste sudoeste com o Cabo de Boa-Esperança, vinte e cinco leguas ao mar delle: mas o vento se lhe mudou a oeste e oesnoroste, e começou a toldar-se o céu no proprio dia que cuidavam passariam o cabo á outra banda. Mostrava a atmospheria um sobrecenho ameaçador; trovejava; cerrava-se a luz; aproximava-se a noite; crescia o vento; cembobrava-se o perigo com a escuridade. Traziam uma só andaina de velas, e essas mesmas muito velhas: e assim indo arribando com um bolço, tornaram a desandar 130 leguas. Então saltou o vento ao nordeste com tamanha furia que os fez outra vez voltar para o sul. Com os mares que cresciam do poente, e com os que o levante vinha erguendo, ficou o oceano tão cruzado e soberbo que o galeão, mettido entre aquelle conflicto de serras sobre serras de ondas, com ser o maior navio que andava na carreira, não podia soffrer o embate e peso enorme das aguas: pelos bordos ambos as ia bebendo e alagando-se: e ora apparecia alçado no cume das vagas, ora sumido na concavidade do oceano. Quasi

perdidos foram, deste modo, com as bombas sempre na mão correndo tres dias a Deus misericordia sobre aquelles abysmos. Ao cabo do quarto amainou o vento, mas não socegou o mar; antes ficou tão alterado, e sacudiu tão fortemente o galeão, que lhe quebraram alguns dos machos mais necessarios para sustentar o leme. Então o mestre, Christovão Fernandes, que era um velho muito honrado e prudente, vendo o perigo, disse em segredo ao carpinteiro, que no navio era o unico que tinha dado noticia do estrago do leme; «irmão, calai comvosco a desgraça que acaba de acontecer-nos, porque se a chega a saber a marinbagem, desacoroçoa e estamos todos perdidos.»

Com este receio iam, quando o vento tornando a virar a leste, lhe levou o papafigo da verga grande. Temendo então os officiaes ficar sem o da prôa, acudiram a colhe-lo: mas apenas o colheram, atravessou-se o galeão, no qual deram tres mares tão grossos, que com os balanços rebentaram da banda de bombordo os aparelhos e costaneiras do mastro grande. Tropeava o navio tanto que não havia nelle homem que podesse ter-se em pé para accorrer ao serviço: e receosos de que com os solavancos cahindo o mastro repentinamente, lhes causasse alguma avaria consideravel, assentaram de o cortar a tempo e com cautela. Mas apenas lhe tinham descarregado as primeiras machadadas, viram-no estourar por cima das polés das corôas, e — como se fóra uma folha de arvore — aquelle madeiro enorme ir pelos ares, e lança-lo o vento com todo o pezo da gávea e mastaréu ao meio das ondas.

Açoitados da continuação do temporal, extenuados de forças, vendo-se em destroço sem mastro e quasi sem velas, mesmo assim não soçobraram de todo aquelles animos, porque morava ainda n'elles a perseverança e destemidez dos portuguezes antigos. Guarneceram uma verga; da lona velha compuzeram uma vela que envergaram; e d'uma antena e o pedaço que lhe ficára do mastro como poderam engenharam um novo mastro. Mas o vento veio outra vez, furioso, arrebatou-lhe esse mesmo cadaver de mastro e vela que chegaram a arvore: atravessou-se o galeão, deitou o leme á banda como traste inutil, e começou o porão a encher-se de agua. Era espectáculo lastimoso e medonho o que n'aquelle momento se presenciava dentro do navio: o soluçar inquieto d'este, a confusão e o tumulto, os gritos de misericordia, o tombar dos homens uns sobre os outros, o soar do apito, o bradar do mestre, o rugir do mar, o bramir do vento, o fuzilar dos relampagos, o rebombar dos trovões. Era a lucta dos elementos com o esqueleto nú de um baixel. Era a sanha do oceano que exigia as vidas de uns poucos de homens. e a resistencia d'esses homens que se não queriam entregar. D'elles os que eram fracos gemiam e choravam; e os que eram fortes interrogavam os céus e os rumos, e acolhidos a esse baluarte meio arrasado — o galeão — defendiam-se com a força dos braços e as armas da intelligencia do assalto de seus inimigos. Lucta desigual e terrivel! E comtudo ainda alli se observava mais terrivel lucta do que esta, no esforço de um homem, que amava com idolatria a uma mulher, contra a morte, que queria roubar-lhe n'aquelle conflicto o objecto querido do seu culto. Este homem era o capitão. Esta mulher, adorada e incomparavel, era D. Leonor.

A estrella de Manuel de Sousa ainda lhe foi pro-

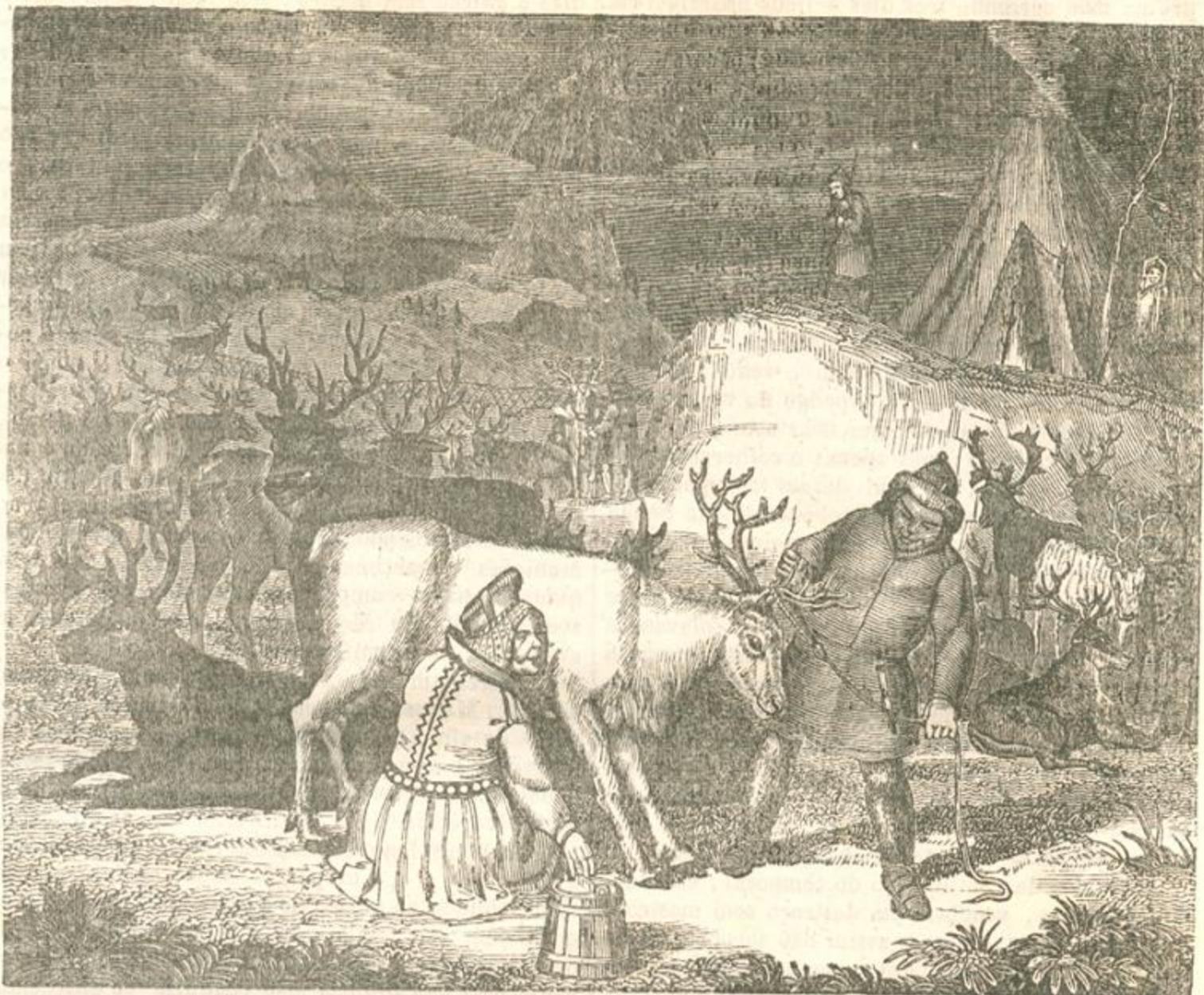
picia. Foi rolando para a terra por espaço de dez dias o galeão sem mastro, sem leme, sem velas e sem governo com as correntes e os ventos mais habéis ou mais poderosos do que o piloto e a agulha; e aos 8 de junho deram vista da costa os atribulados navegantes. Chamou Manuel de Sousa os officiaes a conselho, e no conselho assentaram que não havia já outro remedio senão varar em terra, e tratar de salvar as vidas: deixar-se ir até serem em certo numero de braças, e assim que achassem fundo, surgir e lançar fóra o batel em que haviam de desembarcar. Logo alli deitaram fóra, a tentar desembarcadouro, uma manchua com alguns homens, que bom espaço depois voltaram com a noticia de haver perto uma praia commoda, sendo o mais rocha talhada a pique, e penedia impraticavel. Então, já com 15 palmos de agua no porão, foram endireitando para a terra, e chegando o navio até sete braças e dois tiros de bésta do sitio designado para o desembarque, lançaram ancora ao mar, determinando desembarcar com o resto das munições e mantimentos; e, em terra, das reliquias do navio compôr um caravelão em que fossem a Sofála ou Moçambique, ou mandassem lá aviso para os virem buscar.

Embarcaram pois na manchua, com não pouco perigo, Manuel de Sousa, sua mulher e filhos, e perto de vinte pessoas principaes com algumas espingardas e outras armas para se defenderem sendo necessario; e desceram a terra. E como naquella costa era então rigor do inverno e o frio excessivo, mandou logo Manuel de Sousa accender um grande fogo; e á proporção que a manchua, que tinha voltado ao galeão a buscar mais gente, chegava com ella, elle que a andava esperando na praia, a guiava com muita humanidade, e a que podia pela sua propria mão conduzia ao sitio onde estava accesa a fogueira. Neste trabalho de desembarcar gente, armas, provisões, polvora e roupas se continuou tres dias, ao cabo dos quaes começando o mar a embravecer, e acontecendo quebrar-se a amarra do mar, vendo o mestre que o perigo estava imminente, disse para a gente do galeão: «Irmãos, antes que a náu abra e se nos vá ao fundo, quem quizer embarcar naquella batel o poderá fazer.» Embarcou então o piloto que era homem velho e muito acceito a todos, e alem do mestre umas quarenta pessoas, porque não cabiam mais. Essas mesmas estiveram a ponto de ir ao fundo, por ser muito forte o jogo das ondas; e o batel chegou á praia tão desmantelado, que logo alli se fez em pedaços.

Ainda no galeão ficavam perto de 500 pessoas, sendo portuguezes 200 com o contramestre e o guardião. E como se vissem sem o batel, largaram a amarra do mar, e foram alando pela da terra até tocar o navio. Apenas tocou, começou a abrir-se por varias partes; e dahi a pouco a força da agua que entrava trouxe acima nadando caixotes, barris, e outras vasilhas, ás quaes e ás taboas, para se salvar, se lançaram os desgraçados, morrendo, uns afogados, outros de contusões, quarenta portuguezes e setenta escravos. A terra chegaram com muitas feridas dos páos e pregos os outros que escaparam: e em quatro horas se descoseu e desfez a embarcação de maneira, que não foi parar á praia taboa nem páu, que passasse de uma braça.

(Continuar-se-ha.)

A. d'O Marreca.



O RANGIFER, OU RENNO, E SEUS DONOS.

ESTE animal é um grande beneficio para os habitantes da frígida Laponia, e que a Providencia lhe doou, assim como aos arabes do deserto o utilissimo camello. É da mesma especie, postoque maior que o veado, e só se encontra nas regiões polares da Asia, e apesar das tentativas para introduzi-lo na Escocia e outros climas septentrionaes nunca se naturalizou; sendo factó singular que os individuos desta especie que foram transportados a paizes onde o clima e alimentos eram mais analogos aos da Laponia enfermaram e morreram mais depressa que os encerrados n'uma arribana e nutridos com alimentos diversos. De tempos mui remotos os lapões domesticaram o rangifer, e lhe devem quasi todas as conveniencias que podem desfructar, pois alem de allivia-los em suas tarefas lhes presta alimento saudavel e nutriente. O rangifer é amofinado no verão por uma praga que obriga seus donos a conduzi-lo á costa maritima para mitigar-lhe o padecimento e conservar-lhe a vida. — «A ilha da Balea [narra De Broke em sua Viagem] durante os mezes d'estio é frequentada pelos lapões com seus gados: a causa que os constringe a taes emigrações, postoque estranha pareça, é bastante poderosa; porquanto nessa estação está o interior do paiz tão infestado por differentes castas de mosquitos que nenhum animal pôde escapar á incessante perseguição delles. Fazem-se varias fogueiras para levantar fumadas, e com o fumo se resguardam os habitantes

dos importunos inimigos, e alem de tudo isso tem de untar a cara com breu para preservativo dos pertinazes ferrões. O rangifer é de mais a mais perseguido por uns grandes tavões [talvez da raça do moscardo que apoquentá os bois], os quaes não só o atormentam com as picadas senão que depositam os ovos na ferida que causam, o que tanto molesta aquelle gado que a não o tirarem dos bosques nos mezes de junho, julho e agosto, pereceria a maior parte. Estes insectos não podem soffrer a brisa do mar nem o vento mais fino das assomadas: eis a rasão das emigrações no verão para esses sitios.» —

Ao começar o inverno deixam os lapões a costa e voltam ao sertão antes que principiem os nevoeiros, quadra em que o pello do rangifer cresce e ganha certa côr esbranquiçada: então é que este animal dá a conhecer o seu valor peculiar; que se elle não fosse, impossivel seria áquelles povos todo o transporte e communicação: basta um só para puxar a carreta especial daquellas terras, chamada *trenó*, com a carga de tres quintaes, caminhando com a maior rapidez, fazendo frequentes vezes em dezoito horas jornada de mais de 40 leguas. — Na Suecia, em o palacio de Drotningholm, ha uma pintura de um rangifer que em 1699 conduziu um official com papeis e participações de grande monta á quasi incrível distancia de 200 leguas em 48 horas.

O rangifer come de toda a herva, mas d'inverno só se alimenta de musgo, e o descobre debaixo do

gelo só pelo fardo; ultimamente se averiguou que devora sofrego uma casta de ratos em que por lá as serranias abundam. O numero de cabeças que constituem um rebanho orça por 400 ou 500; o que basta para manter com abundancia uma familia em todo o anno. No verão fazem os lapões consideravel porção de queijos, e no inverno matam as cabeças de gado, de que precisam para provimento caseiro. Duzentos dos mesmos animaes chegam para uma familia que não seja numerosa e que viva com restricta economia; com 50 não póde conservar-se casa separada: por isso o pobre costuma juntar o seu rebanho ao do rico, cuidando de ambos sem receber mais retribuição que o sustento, e reputando por salario o augmento de seu pequeno rebanho.

A gravura que precede representa uma familia de lapões ordenhando o rangifer.—Ha tambem rangiferos montezes, que os habitantes mais activos caçam pelas serras para fazerem commercio da armação esgalhada e das pelles, assim como das linguas, que bem curadas são d'estimação em alguns reinos do norte da Europa.

AS ARTES, AS LETTRAS, E AS SCIENCIAS EM TEMPO
D'ELREI D. JOÃO 5.º

(Fragmento de uma obra inédita do seculo passado.)

[Conclusão.]

Como grandes vontades e desejos não enchem os corações sem muitos e generosos effeitos, viu o sabio rei que almas desprovidas não podem fazer grandes adiantamentos, e cuidou de livros. É indizível a quantidade prodigiosa com que fez enriquecer a nação de obras uteis, e de grão decoro, e com que a este exemplo e occasião vieram a este reino milhares de mortos illustres buscar tambem entre nós vida. Ainda que antes dos negociantes Lerzo e Morganti houvesse deste genero de commercio, como pelos livros de boas bibliothecas da nação, e pelos catalogos dos mercadores se conhece; comtudo dos annos de vinte por diante engrossou esta levada a recrear grandemente olhos espreitadores. Eis-aqui algumas noticias de trazer na memoria para credito nosso. Dou uma copia do que o meu prudentissimo reitor em a Universidade de Coimbra, Francisco Carneiro de Figueiroa, varão nascido para governo politico de academias, escreveu nas suas curiosas *Memorias* daquella Universidade N. XXV, fallando do reitor Nuno da Silva Telles, da casa de Alegrete. — «Porque os Estatutos da Universidade [do seculo de quinhentos] dispõe que todos os annos se comprem quarenta mil réis de livros, para se ir accrescentando a livraria della, que alem de ser quantia limitada, se tinham descuidado muitos dos reitores, seus antecessores, de o executarem, alcançou de sua magestade licença para se comprar uma livraria por quatorze mil cruzados; e a ampliação dos ditos quarenta a cem mil réis; e porque tambem não tinha a universidade casa competente para uma boa livraria, conseguiu de sua magestade licença, por provisão de 31 de outubro de setecentos e dezeseis, para se fazer de novo, e lhe deu principio com toda a grandeza, deixando-a já bastantemente adiantada.» — Continúa fallando do seu reitorado. — Acabou-se de fazer com toda a perfeição a casa da livraria, que

é uma das mais magnificas obras que tem este reino. — Acabou-se em setecentos e vinte e cinco. Para augmentar a bibliotheca real, em que estavam juntos os livros preciosissimos e rarissimos dos reis antigos, sustentou elrei fóra do reino muitos amanuenses em muitos annos. Para o mesmo fim fez comprar collecções de livros, e tiveram ordem os negociantes Gendron e Reycend de fazerem vir os que podessem alcançar, e delles repartia para as reaes casas das Necessidades, e de Mafra [o que tambem continua o senhor rei D. José]; mandando abrir no real e insigne convento desta villa, em janeiro de trinta e um, escholas publicas com sete cadeiras. Em outubro do mesmo anno fez vir a Lisboa Martim de Pina de Proença para formar o catalogo da livraria real, havendo-lhe então chegado vinte mil volumes. Do fervor das comunidades, e dos particulares a este respeito, póde-se tecer um elogio de grande credito. O gosto nas encadernações pulidas é dos seus dias; e deve-se particularmente ao livreiro Matheus Nogueira, que por honra, e conhecimento que delle tive, e deste beneficio ao publico, devo nomea-lo. Podem-se ver as suas pulidas encadernações, em grande parte dos livros do abbade Diogo Barbosa, que deixou á bibliotheca de sua magestade no reinado do senhor rei D. José.

Na variedade de arbitrios para saber e estudar muito, pois tanto é para isso necessario, e para merecermos bom nome, foi exemplar aquelle tempo debaixo da protecção regia. Os Mercurios de Antonio de Sousa de Macedo, esquecidos, foram então renovados por João de Buytrago. A pratica das gazetas é do anno de quinze. Foram suggestão do M. Fr. Basilio de Santa Barbara Alfombra, do reino de Valencia, que da ordem dos capuchinhos transitou para esta provincia da ordem terceira, necessitado pelos encontros que teve nas divisões patrias sobre a successão de Hespanha. Viveu entre nós com credito, e com as primeiras pessoas da fidalguia, por seus talentos litterarios e civis; e deste modo o recebi dos padres, seus contemporaneos. Morreu victima da caridade. Elle era dia e noite assistente firme a qualquer religioso enfermo; e por uso de uma caridade livre e ardente se interessou até a morte na assistencia dos perigosos doentes na famosa epidemia dos vomitos pretos no bairro de S. Paulo, deixando raros exemplos, e saudosa memoria. — Mas como escreviamos: produziam excellentes effeitos as correspondencias litterarias, que praticaram, alem de muitos outros, o conde da Ericeira, e o principal D. Francisco de Almeida, com D. Gregorio Mayans, e o Deão de Alicante, Marti, a cujo fallecimento dedicou o mesmo principal uma academia, em que orou na lingua latina o erudito professor, Antonio Felix Mendes.

Nas diligencias de apurar as doutrinas, pelas quaes se entende a critica, houve fervor em muita variedade de assumptos. Em recolher memorias de lapides sepulchraes e outros monumentos de remota antiguidade, segundo as leis academicas, trabalharam muitos curiosos no gosto do P. D. Jeronymo Contador, ainda que este foi mais activo em diligenciar e publicar. Morganti distinguiu-se em a numismatica, mas este sabio deu provas publicas do seu talento a este e outros muitos respeitos; e quanto delle refere a *Bibliotheca Lusitana* são puras verdades, e foi certamente um brilhante resplendor do clero secular. Quanto á numismatica baste

por ora recordar a collecção preciosissima do marquez de Abrantes, que esteve empenhada em trinta e seis mil cruzados, a qual seu filho resgatou (*). Não deve portanto esquecer o muito que se acha escripto a este respeito no tom. 4.º da *Historia Genealogica da Casa Real*, nem a cançada fadiga que tomou o doutor Nicoláu Francisco Xavier da Silva para provar a verdade da doação dos oitenta mil dinheiros de ouro, que elrei D. Affonso Henriques fez ao hospital de S. João de Jerusalem, da qual obra se imprimiram algumas folhas (::). Quando se escreve a historia numismatica da Nação, offerecem os dias d'elrei D. João dignos monumentos para ella, cunhados em medalhas, que por diligencia do erudito e pulido abbade Garnier, capellão da real casa de S. Luiz, se publicaram ha pouco.

Deste proposito passemos a outras especies relativas á mesma Academia Real. Quanto se descobriu e adiantou nossa historia? quanto concorreram á porfia as provincias não é facil dizer-lo. A curiosidade era immensa em trabalhar para esta honra nacional. Ninguem cançava de copiar obras, de que se podesse tirar lume novo, erudição e prazer, fossem versos, fossem noticias e memorias, e qualquer outra erudição. Dos seus dias é a boa traducção da *Architectura* de Palladio, ainda que não se imprimiu. Em todas as profissões houve adiantamento e activa competencia. Escreveram na lingua latina com acerto o padre Reis, o carmelita descalço Fr. Caetano de S. José, o jeronimiano Fr. José Caetano, os Antonio Rodrigues da Costa, os Valesio, os Mendes, o marquez de Alegrete, e muitos outros. Quem deseja muito não deixa de offender-se de que a lingua patria não deveu aos academicos maior esmero, e que no estylo dos que são exceptuados se acha ar bastante gothico. Ouvi sempre aos criticos prudentes desculpar pela natureza de memorias soltas a dispensa de oração mais concertada; e que por estas nodoas entre curiosidades de agradecer se encontram muito pulidos escriptos em lingua corrente e harmoniosa; e no que respeita a pensamentos sensatos, todas as memorias dos nossos ministros neste seculo são dignas de veneração pela propriedade de vozes e phrases, correspondente a seus grandes objectos. Se passarmos deste di-

(*) Em outro lugar da mesma obra tornando o A. a fallar de medalhas, acrescenta algumas noticias sobre este particular, dizendo — «A collecção preciosa e mais rara foi a do marquez de Abrantes. A sua raridade avultou dignamente pelas medalhas de ouro e prata, que a seu pai, o marquez de Fontes, em duas caixas deu em o anno de dezeseite em Roma o papa Clemente XI, excellento conhecedor destas elegancias. Chegou a ser um peculio numismatico de respeito pelas medalhas antigas de sua grande casa, e pelas consequentes acquisições. Quanta perda só esta no terremoto de cincoenta e cinco!» —

::) Delle ha varios opusculos autographos na Bibliot. Publ. Eborensis; e o nosso A., em outro lugar da mesma obra, acrescenta a seu respeito o seguinte. — No outro ramo de litteratura, qual é a historia litteraria, se distinguio muito Nicoláu Francisco, e mereceu ser frequentado, pela summa promptidão em annunciar noticias philologicas. A esta erudição ajuntava outros proveitos o trato com este erudito, qual era o gosto da boa latinidade, para que genio e estudo o levavam com desempenho. Na declamação foi vehemente, o que provou orando no doutoramento em theologia de Xavier de Fontes, atrevendo-se na grande sala, que era a igreja de Santa Cruz, a invocar Jupiter Stator, baten-do as campas para vingar o nome daquelle sabio theologo, seu amigo, cuja gloria quiz offuscar um antagonista á face da Academia. A declamação foi gostada tambem pelo desempenho oratorio. —

reito publico ao mais frequente para a justiça, que se deve aos homens, teve nesta parte nome particular o sabio consulto João Alvares da Costa. Elle pôz á vista dos homens escriptos escondidos.

A severidade das sciencias não sorveu comsigo todas as outras curiosidades. As boas artes tiveram eschola muito frequentada, e desempenhada com admiravel credito. Mafra foi berço da esculptura em marmore. Da praticada em madeira foi Manuel Dias, digno da memoria, que lhe fazem plausivel os bons monumentos, que hoje se estimam. Vieira, e André Gonçalves, mestres de Antonio Joaquim Padrão; Domingos Nunes, mestre de Joaquim Manuel da Rocha; Ignacio de Oliveira, e outros insignes professores de pintura, fazem honra á nação. Escriptos sobre a arte não se publicaram. O P.º Manuel Ferreira Leonardo, debaixo do nome de Jeronymo de Andrade, escreveu o elogio do pintor Victorino Manuel da Serra. José Gomes da Cruz fez plausivel esta profissão defendendo-a, por instancia do benemerito pintor André Gonçalves, dos que a reputaram por arte mechanica; o que já se havia repetido desde Seneca na Hespanha, e impugnou sabiamente no fim do seculo XVI Gaspar Gutiérrez de los Rios na obra *Noticia General para la estimacion de las Artes*. O doutor José Gomes da Cruz o fez entre nós sabio e pulidamente. Pede exame vagaroso, e determinado a este proposito a narraçáo dos meios por onde nossos professores de pintura buscavam e ensinavam estylo; sobre quaes antigos copiavam; quaes e diligentes acquisições fizeram, e onde se depositaram, e donde se perderam. Não tenho desembaraço para tanto: outros com sabedoria, e basta que com zelo igual, poderão publicar muitas cousas admiraveis, que a este respeito tivemos, e ainda possuímos de honra para este nosso seculo. Necessaria e importante cousa é a historia da pintura dos nacionaes em composiçáo e gabinetes. O exemplo dos estranhos assim convidado, e a necessidade de emendar as negligencias de Pedro Guariente nas abbreviadas memorias que fez de nossos pintores, e dos originaes conservados no reino, que elle viu, e de que se lembrou mesquinhamente.

Estas especies levam a consideração para a critica; mas della é notorio quanto se fez de uso sabio nos exercicios da Academia Real, e outras vezes desmedido. Em verdade muito fermentou a critica, sendo lida a obra do inteiro varão Nicoláu Antonio «*Censura de historias fabulosas*», dedicada a elrei D. João pelo advertido e sabio D. Gregorio Mayans. — Das boas qualidades dos theologos, no lugar proprio direi algumas especies agradaveis, e o que se offerecer de outro genero (§).

Aquella foi a idade de se amar a sabedoria. Era necessario tempo, a fim de se aperfeiçoar o trabalho, ora informe, ora melhorado, qual se experimenta em ganhar distancias das boas cousas. Esmerou-se a nação entre rudezas, esforços, e alcances. Formou almas de se entenderem com as luzes e formosura do novo seculo, que lhes succedeu. A força da attracção pede qualidades reciprocas. Deus hade melhora-las cada vez mais, porque dará todas as luzes a quem as deseja, e a quem soberanamente preside, e pôde favorecer as artes e sciencias.

Este como episodio entendi não seria desagradado

(§) No decurso de toda a obra, de que tirámos este fragmento, e como episodio, se trata especialmente dos estudos theologicos no primeiro meado do seculo XVIII entre nós.

vel. Apontei as referidas noticias e sugeitos, nutrido entre muitos delles. Tanto disse, porque pelo menos, quando falte ao referido a proporção de grande estylo, vingo-lhe a memoria com a honra de oração verdadeira. Oxalá passem elles a desinquietar a nobre emulação, para augmentar o numero de seus semelhantes, e aperfeiçoa-los em gloria da nação. Dei este golpe ressentido por saber que mil sugeitos estimaveis da nossa patria tem perecido até em os nomes, e o que é mais, pela troca de alhêa erudição, que ainda mesmo sendo boa, não deve ter o desar de esquivar para obrigações essenciaes e patrias. Tambem assim escrevia observando que de nossas cousas, e de nossos varões illustres se não cuida quanto se deve, sendo elles por seus serviços tão benemeritos da gloria de serem contemplados, como aquelles que os elogiasssem.— *O arcebispo Cenaculo, no Elogio, ou Estudos do P.^e doutor Fr. Joaquim José Pimenta, da Ordem Terceira de S. Francisco, e Litteratura de seus dias.— Obra inédita, e original da Bibl. Pub. Eboresense.*

A DAMA PÉ-DE-CABRA.

(Conto de junto ao Lar). (*)

Parte Primeira.

I.

Vós os que não crêdes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de satanaz, assentai-vos aqui no lar, bem juntos ao pé de mim, e contar-vos-hei a historia de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim:— não pôde ser. Eu não o tirei da minha cabeça. Li-o n'um livro mui velho, velho como o nosso Portugal.

Juro-vos que se me negais esta verdadeirissima historia sois dez vezes mais descridos do que era S. Thomé antes de ser grande santo. E não sei eu se estarei d'animo de perdoar-vos, como Christo lhe perdoou.

Silencio profundissimo; porque vou principiar.

II.

D. Diogo Lopes era um infatigavel monteiro: nevés da serra no inverno, sóes dos estevas no verão, noites e madrugadas, disse se ria elle.

Pela manhã cedo de um dia sereno estava D. Diogo em sua armada, em monte selvoso e agreste esperando um porco montez, que batido pelos caçadores devia sahir naquella assomada.

Eis senão quando começa a ouvir cantar ao longe: era uma linda, linda toada.

Alevantou os olhos para uma penha que lhe ficava fronteira: sobre ella estava assentada uma formosa dama; e era a dama quem cantava.

O porco fica desta vez livre e quite; porque D. Diogo Lopes, não corre, vóa para o penhasco.

«Quem sois vós, senhora tão gentil: quem sois que logo me captivastes?»

«Sou de tão alta linhagem como tu, porque venho do semel de reis— como tu, senhor de Biscaia.»

«Se já sabeis quem eu seja, offereço-vos a minha mão, e com ella as minhas terras e vassallos.»

(*) Este conto, no genero phantastico, é tirado substancialmente do titulo 9 do Livro das Linhagens, chamado vulgarmente do conde D. Pedro.

«Guarda as tuas terras, D. Diogo Lopes, que poucas são para monteaes: guarda os teus vassallos, que poucos são elles para te baterem a caça.»

«Que quereis pois, senhora, para eu vos dar em arrhas?»

«Nada te peço, barão, salvo o esqueceres-te do signal da cruz, e nunca mais te persignares.»

D. Diogo Lopes não era dos mais devotos, e ardia em amor e desejos. «Está dito! e viva o diabo! — bradou elle; e levando a bella dama nos braços, cavalgou na mula em que viera montado.

Só quando á noite no seu castello pôde considerar miudamente as formas da airosa dama, notou que tinha os pés forçados como os de cabra.

III.

Dirá agora alguem:— era por certo o demonio que entrou em casa de D. Diogo Lopes. O que lá não iria! Pois sabeis que não ía nada.

Por annos a dama e o cavalleiro viveram em santa paz e união. Dois argumentos vivos havia disso: D. Inigo Guerra e Dona Sol, enlevo ambos de seu pai.

Um dia pela tarde D. Diogo voltou de montar: trazia um javali grande — muito grande. A mesa estava posta. Mandou traze-lo á casa onde comia para se regalar de ver a excellente prêa que havia preado.

Seu filho assentou-se ao pé delle: ao pé da mãe Dona Sol; e começaram alegremente seu jantar.

«Boa montaria, D. Diogo — dizia sua mulher. — Foi uma boa e limpa caçada!»

«Pelos tripas de Judas! — respondeu o barão — Que ha bem cinco annos não colho urso ou porco montez que este valha!»

Depois enchendo de vinho o seu pichel de prata mui rico e lavrado, virou-o de golpe á saúde de todos os ricos-homens fragueiros e monteadores.

E a comer e a beber durou até a noite o jantar.

IV.

Ora deveis de saber que o senhor de Biscaia tinha um alão a que muito queria: raivoso no travar das feras, manso com seu dono, e até com os servos de casa.

A nobre mulher de D. Diogo tinha uma podenga preta como azeviche, esperta e ligeira que mais não havia dizer, e a que ella não menos queria.

O alão estava gravemente assentado no chão de frente de D. Diogo Lopes, com as largas orelhas pendentes e os olhos meio-cerrados, como quem dormitava.

A podenga negra essa corria pelo aposento viva e inquieta pulando como um diabrete: o pello liso e macio reluzia-lhe com um reflexo avermelhado.

O barão depois da saude *urbis et orbis* feita aos monteiros, esgotava um kirie comprido de saudes particulares, e a cada nome uma taça.

Estava como cumpria a um rico-homem illustre que nada mais tinha que fazer neste mundo senão dormir e caçar.

E o alão cabeceava como um guardião velho em seu córo, e a podenga saltava.

O senhor de Biscaia pegou então de um pedaço de osso com sua carne e medúla, e atirando-o ao alão gritou-lhe:— «Silvano, toma lá tu, que és fragueiro: leve o diabo a podenga, que não sabe senão correr e retouçar.»

O canzarrão abriu os olhos, rosou, pôz a pata sobre o osso, e abrindo a boca mostrou os dentes anavalhados. Era como o seu rir.

Mas logo soltou um uivo, e cabiu, perneando meio-morto: a podenga de um pulo lhe saltára á garganta, e o alão agonisava.

«Pelas barbas de D. From, meu bisavô! — exclamou D. Diogo pondo-se em pé tremulo de coero e de vinho. — A perra maldita matou-me o melhor alão da matilha; mas juro escorcha-la viva.»

E virando com o pé o cão moribundo, mirava as largas feridas do nobre animal que se morria.

«A la fé que nunca tal vi! Virgem bemdita! — Aqui anda cousa de Belzebuth.» E dizendo e fazendo, benzia-se e persignava-se.

«Ui! — gritou sua mulher como se a houveram queimado. O barão olhou para ella: viu-a com os olhos brilhantes, as faces negras, a bôca torcida e os cabellos eriçados:

E ia-se alevantando, alevantando ao ar com a pobre D. Sol sobraçada debaixo do braço esquerdo: o direito estendia-o por cima da meza para seu filho D. Inigo.

E aquelle braço crescia alongando-se para o mesquinho, que de medo não ousava bolir.

E a mão da dama era preta e luzidia como o pello da podenga, e as unhas tinham-se-lhe estendido bom meio palmo, e recurvado em garras.

«Jesus, santo nome de Deus! — bradou D. Diogo, a quem o terror dissipára as fumaças do vinho; e travando de seu filho com a esquerda, fez no ar com a direita uma e outra vez o signal da cruz.

E sua mulher deu um grande berro ao ver isto, e largou o braço d'Inigo Guerra que já tinha seguro, e continuando a subir ao alto sahio por uma grande fresta, levando a filhinha que muito chorava.

Desde esse dia não houve saber mais, nem da mãe nem da filha. A podenga negra, essa sumiu-se por tal arte, que ninguem no castello lhe tornou a pôr a vista em cima.

D. Diogo Lopes viveu muito tempo triste e abhorrido porque já não se atrevia a montar. Lembrou-se, porem, um dia de espairecer sua tristura, e em vez d'ir á caça de cerdos, ursos e zebras, sahio á caça de mouros.

Mandou pois levantar o pendão, desenferrujar e pulir a caldeira, e provar seus arnezes. Entregou a Inigo Guerra, que já era mancebo e cavalleiro, o governo de seus castellos, e partiu com lustrosa mesnada d'homens d'armas para a hoste d'elrei D. Ramiro, que ía em arrancada contra a mourisma d'Hespanha.

Por muito tempo não houve delle, em Biscaia, nem novas nem mensageiros. — (A. Herculano.)

A cidra. — A macieira é da mesma familia das pereiras, e igualmente tem muitas especies e variedades, das quaes umas são arvores e outras arbustos, que em toda a parte prosperam excepto nos climas muito quentes. É sabido que nos departamentos do Oeste da França é cultivada em ponto grande, e com muita vantagem, porque do fructo extrahem o vinho chamado cidra, de boa qualidade ainda que menos activo que o das uvas das videiras, que os habitantes daquelles districtos nunca poderam aclimatar. — As maçãs de que fazem essa bebida, não são das castas destinadas para comer e para compotas, mas sim de outras pequenas, acidas, e desagradaveis ao paladar.

O vinho de maçãs é usado desde remotissimos

tempos; os hebreus lhe chamaram *sichar*, que S. Jeronymo traduziu *sicera*, donde veio o nome cidra ou cidra. As nações posteriores aos hebreus tambem conheceram este vinho: os gregos e romanos o fabricavam e bebiam. Entre os francezes é muito vulgar, principalmente onde faltam as vinhas. — Mr. Huet, o erudito bispo d'Avranches, assegura que muito antes do 13.º seculo estava a cidra em uso na França; diz mais, que, segundo relação de Ammiano Marcellino, os filhos de Constantino reprehendiam os habitantes das Gallias de gostarem de vinhos e de outros licôres que se pareciam com elle; que os capitulares de Carlos Magno numeram na lista dos officios ordinarios o de *sicerator*, fabricante de cidra; que foi dos biscainhos que os normandos aprenderam a fabricar esta bebida, no tempo das pescarias, industria commum a ambos os povos; que os primeiros tinham recebido esta arte dos africanos, que de mui antigos tempos a praticavam. — A este respeito consulte-se a Encyclopedie methodica no Diccionario das Artes e Officios.

Mediante a distillação obtem-se da cidra aguardente, que não é desagradavel: tambem della se faz vinagre sadio como a bebida originaria. Reduzindo a cidra por evaporação a menor quantidade faz-se um xarope que dizem ser peitoral. O bagaço que fica depois de extrahido o succo das maçãs, serve para queimar e delle se utilizam os pobres; e tambem serve para estrumar os pés das arvores, e para alimentar porcos. — Asseveram que a bebedice, occasionada pela cidra dura mais que a produzida pelo vinho legitimo de uvas.

Pontes naturaes na America. — O valle d'Icononzo ou de Pandi, em a Nova-Granada, é guarnecido d'escalvados penhascos, de forma extraordinaria, que parece foram afeiçoados por mãos humanas: estão dispostos em duas linhas, ficando em meio um espaço vão, mui fundo, de quasi legua de comprimento, e que é o valle por onde corre a torrente de Summa-Paz, encaixada n'um canal inacessivel. Seria impossivel transpôr esta impervia quebrada, se a natureza, servindo-se daquelles rochedos, não houvesse preparado duas pontes que dão passagem de um ao outro lado. — A primeira é um arco natural, de 44 pés de comprido por 36 de largo, com a grossura de seis pés no centro, proximamente: é todo um pedra inteiriça, eleva-se perto de 300 pés sobre o nivel das aguas da citada torrente. — A segunda é composta de tres enormes volumes de rocha, que cahiram de maneira que reciprocamente se sustentam; o do meio é como o fecho da abobada, accidente que podéra ter suscitado aos indigenas a idéa das obras d'alvenaria em volta d'arco, que os povos do Novomundo desconheciam: chega-se a esta segunda ponte por um trilho estreito, que vai rastreando a borda do desfiladeiro, a começar da primeira. Está a 458 toezas [medida franceza] acima do nivel do Oceano, e talvez a 280 pés sobre o fundo do valle: no meio desta segunda ponte ha um boqueirão de 300 pés quadrados, por onde se vê a profundidade do abysmo, que só é habitado por aves nocturnas ás quaes não é possivel dar caça pelo impraticavel do sitio, que não permite a descida ao valle.

A GLORIA humana bem ponderada nunca vale quanto custa.